

COMBATE SOCIALISTA

2024 | N° 182 | Segunda Quinzena de Abril



Jornal da Esquerda Revolucionária e
Independente

Valor R\$ 2,00 | Contribuição solidária R\$ 5,00

EDUCAÇÃO REJEITA

CONGELAMENTO SALARIAL

VERBAS PARA SERVIDORES
PÚBLICOS E NÃO PARA BANQUEROS!



LUTA: 1° DE MAIO
CLASSISTA
pág. 3

VAMOS À LUTA NAS
FEDERAIS
pág. 4

CONGRESSO DOS
METROVIÁRIOS EM SP
pág. 8 & 9

PALESTINA LIVRE | NOTA DA UIT: BASTA DE GENOCÍDIO SIONISTA EM GAZA
pág. 11

Zero para o trabalhador e bilhões para banqueiro?

Os banqueiros com bilhões e os servidores com salário congelado. Será que isso é justo? No conjunto da classe trabalhadora impera o arrocho salarial, longas jornadas e mecanismos como a escala 6x1. Não podemos aceitar o que o VAT (Vida Além do Trabalho) chama de “escravidão moderna”. Nem nos calar diante dos preços do arroz, feijão, ovo, tomate ou da cenoura, batata e cebola. O salário nunca chega ao fim do mês. É preciso de organização para mudar essa situação. O caminho é a unidade da classe trabalhadora contra os banqueiros, as multinacionais e o agronegócio. Lutar nas ruas, de forma independente, e exigir que o governo Lula atenda nossas reivindicações.

Os servidores estão em luta

Recentemente ocorreu uma marcha nacional de servidores federais em Brasília. O protesto teve protagonismo dos comandos de greve das universidades, institutos federais e do colégio Pedro II (veja em @cst_uit a cobertura completa). A greve da educação federal exige do governo Lula/Alckmin o fim do congelamento salarial em 2024, melhorias nas carreiras e recomposição orçamentária. Nesta edição você pode conferir uma avaliação da Combate Sindical, galera de luta e classista que está no cotidiano da greve (páginas centrais).

O Lula deixou de ser sindicalista faz tempo

O presidente Lula há muito tempo deixou de ser sindicalista. Tornou-se parceiro de empresários e presidentes imperialistas como Macron e Biden. Lula governa com e para o sistema financeiro, megaempresários, multinacionais e velhas raposas da direita (tipo Alckmin). Ele não está do nosso lado. O governo é fiel ao Arcabouço Fiscal que impôs um novo teto de gastos nas áreas sociais, medida que prejudica os serviços públicos. É preciso recuperar o velho ditado: a libertação da classe trabalhadora será obra da própria classe trabalhadora.

A força está na união e na luta

A greve da educação federal questiona a política econômica capitalista de Lula e da frente ampla. A greve denuncia os bilhões aos banqueiros e ao agronegócio e o “zero” para os servidores em 2024. A CST defende um comando unificado da educação federal e seus sindicatos (FASUBRA, SINASEFE e ANDES-SN) e ações em comum com a UNE e UBES (entidades estudantis); comandos greve e mobilização unificados nos estados para realizar ações em comum com DCEs, CAs e Grêmios ou greves estudantis, como na UFF, UFC e UFPR. Além disso, exigimos do FONASEFE (fórum das entidades federais) e da CONDSEF/CUT uma greve de todo o serviço público.



Combate Sindical na marcha nacional dos SPFS

Exigir da CUT e CTB atos unificados

Quando escrevemos este texto, fala-se de que a CUT e CTB estariam chamando uma marcha a Brasília. Exigimos dessas Centrais e das demais (como a Força e UGT) o apoio ativo à greve da educação federal, que a CUT e CTB se somem ao pedido de que Lula atenda à reivindicação da greve e apresente um índice de reajuste em 2024. Exigimos a unificação das lutas e reivindicações da classe trabalhadora. Uma jornada de lutas de fato tem de ser pelas pautas da classe trabalhadora, sem apoiar governo nenhum. Um calendário de mobilização em defesa de mais verbas para os serviços públicos, por reajuste do salário mínimo, aumento do Bolsa Família, redução do preço dos alimentos e tarifas (água, luz, aluguel, internet e combustíveis), revogação das reformas trabalhistas/previdenciária e do NEM, barrar as privatizações, reestatização do que foi privatizado (como a Eletrobras), fim das chacinas policiais, a demarcação das terras dos povos indígenas, etc.

Lutar contra a extrema direita

Ao mesmo tempo propomos a mais ampla unidade de ação de todas as entidades da classe trabalhadora e dos setores populares contra a extrema direita. Devemos nos mobilizar juntos contra ultrarreacionários como Tarcísio/SP, Cláudio Castro/RJ e Zema/MG, que estão privatizando estatais, atacado sindicatos, como o do metrô de SP, e demitindo lutadoras e lutadores metroviários, bem como realizando chacinas policiais ou aumentados tarifas. Ataques que precisam ser enfrentados de forma unificada em cada estado e coordenada em nível nacional. Por outro lado, o bolsonarismo promete uma nova passeata nacional, desta vez no RJ. Ocupar as ruas é uma necessidade para seguir exigindo punição efetiva aos golpistas de 8J, sem anistia.

Medidas urgentes em defesa do salário e serviços públicos

a) Exigir do governo Lula o fim do Arcabouço Fiscal e do plano de desestatização do sistema ferroviário federal! Redução de juros, taxação de bilionários e não pagar a dívida aos banqueiros para investir em saúde, emprego e moradia! 10% do PIB na educação!

b) Pelo reajuste imediato dos salários! Redução da jornada sem redução de salários! Redução dos preços das tarifas! Transporte estatal de qualidade e gratuito!

c) Pela revogação das reformas da previdência e trabalhista, da privatização da Eletrobras e do Novo Ensino Médio! Prisão e confisco de bens dos políticos, empresários e militares golpistas bolsonaristas!

d) Emergência climática, já! Demarcação das terras indígenas! Pela reforma agrária sob controle dos sem-terra! Aborto legal, seguro e gratuito! Basta de genocídio e operações policiais contra o povo negro nas favelas! Fim da PM e PRF! Por emprego e renda para LGBTQIA+!

Um governo da classe trabalhadora, sem patrões

Ao lado da luta unificada, temos de construir a independência política da classe trabalhadora. A CST é uma organização socialista e revolucionária independente, que batalha por isso. Não compomos a frente ampla e nem somos lulistas. Defendemos um governo da classe trabalhadora, sem patrões, que rompa com o imperialismo. Contra o sistema capitalista, defendemos um Brasil Socialista. Seja militante! Participe de nossas reuniões, ajude a distribuir e financiar nosso jornal!

EXPEDIENTE:

Publicação da Corrente Socialista de Trabalhadoras e Trabalhadores - CST

www.cstuit.com

Seção no Brasil da UIT-QI (Unidade Internacional de Trabalhadoras e Trabalhadores - Quarta Internacional) -

www.uit-ci.org

Conselho Editorial: Claudia Gonzalez, Rosi Messias, Adriano Dias, Michel Oliveira, Diego Vítello e Mariza Santos

Capa e contracapa: Gabew

Diagramação: Rana Agarriberri

Correção e Tradução: Lucas Schlabendorff, Henrique Lignani, Stéfani Bender, Denis Rosá, Mariana Nolte e Rômulo Lourenço

Sede Nacional: Rua Galvão Bueno 714, 1º andar, São Paulo, SP. Diego: (11)98168-6999 - Danilo (11)983175337 - E-mail: combatesocialista@gmail.com

Rio de Janeiro: Rua Riachuelo 195 sala 201, Centro. Whatsapp (21) 97933-7558

Niterói: Laís Sathler (21)97351-1926

Pará: 14 de Abril, 1978, entre Munducurus e Pariquis, Belém/PA. Joice (91) 99371-0562 - Mariza (91)87456186

Belo Horizonte: Rua São Paulo, 409, Sala 1204, Centro. Edivaldo (31)7318-1959.

Uberlândia: Jeane (34)99884-0345

Rio Grande do Sul: Lucas Schlabendorff (55) 99328336

CONSTRUIR UM 1º DE MAIO CLASSISTA E INDEPENDENTE

Está se aproximando mais uma vez o dia do trabalhador. Ao longo da história é uma data marcada por diversas lutas como a jornada de 8 horas diárias de trabalho. É importante lembrarmos que no início do capitalismo, os patrões obrigavam os trabalhadores (incluindo mulheres e crianças a partir dos 6 anos) a trabalharem 16 ou até 18 horas por dia nos sete dias da semana. Ao longo de muitas lutas, conseguimos enfrentar os patrões e diminuir a jornada de trabalho, assim como conquistar direitos como férias, 13º salário, licença maternidade, entre outros. Toda essa história deve ser lembrada no 1º de maio. Além disso, é fundamental que levantemos as bandeiras que nossa classe defende atualmente, como o fim da escala 6x1 e das privatizações. Devemos também neste 1º de maio apoiar as lutas em curso, como a greve das universidades federais, que passa de 40 dias e marca a primeira greve nacional contra a política econômica do governo Lula-Alckmin.

Não ao PL da Uberização

Recentemente o governo Lula fechou um acordo com empresas como a Uber para “regulamentar” o trabalho dos trabalhadores deste aplicativo. Acreditamos que esse PL é ruim, pois legaliza verdadeiros retrocessos quanto aos direitos trabalhistas. O mais gritante é a jornada de trabalho. Cada motorista pode trabalhar 12 horas diárias, sete dias por semana. Além de legalizar a superexploração do trabalho, esse ataque pode servir como “referência” para outras categorias de trabalhadores. No acordo com o governo a Uber também conseguiu que as horas em que o trabalhador não está efetivamente fazendo uma corrida, não contem como horas de trabalho. A estimativa é que a média diária de horas em que o trabalhador está a disposição da empresa, mas não está fazendo uma corrida efetivamente é de 40% do tempo total em que está logado no aplicativo...

A extrema-direita bolsonarista, de forma demagógica, se coloca contra o PL. Porém é porque não quer nenhuma regulamentação do trabalho. Para eles, 12 horas é pouco. O trabalhador deve trabalhar mais para que o patrão (com quem verdadeiramente a extrema-direita está comprometida) possa ganhar ainda mais. De nossa parte, vamos ao 1º de maio para defender a ampliação de direitos trabalhistas para os trabalhadores de aplicativo, colocando que a proposta do governo Lula é um ataque contra direitos históricos que conquistamos através de muitas lutas e, portanto, deve ser derrubado.



CUT, CTB e Força Sindical farão atos “chapa branca”

A postura das maiores centrais sindicais do país é vergonhosa. Promoverão em todo o país atos para bajular o governo federal, assim como governos estaduais e municipais ligados à frente ampla. O próprio presidente Lula, que enfrenta atualmente a greve dos servidores das universidades, deve estar no ato de São Paulo. O ato será no Itaquerão, e como no ano passado deve contar com financiamento estatal. Ao invés de cobrar o governo para que atenda a pauta dos grevistas, revogue as reformas trabalhista e da previdência, entre outras pautas, as maiores centrais do país farão um ato totalmente “chapa branca” para defender o governo ao invés de lutar pelos direitos da nossa classe.

Atos da CSP-Conlutas reafirmarão a independência de classe

A central da qual fazemos parte fará os únicos atos que efetivamente apoiarão as greves em curso, assim como exigirão do governo Lula que rompa as relações com o estado genocida de Israel, revogue as reformas de Temer e Bolsonaro assim como o Novo Ensino Médio. O ato também contará com a presença de membros do movimento VAT (Vida Além do Trabalho) e se somará à campanha pelo fim da jornada 6x1. Além dessas pautas o ato exige o fim das privatizações e terceirizações. Além disso, as manifestações impulsionadas pela CSP-Conlutas exigirão a suspensão imediata do pagamento da dívida pública aos banqueiros.

Por fim, mas não menos importante, os atos da nossa central exigirão a prisão de Jair Bolsonaro e a punição de todos os envolvidos na tentativa de golpe do 8J.

(Leia o texto completo em www.cstuit.com)

Mãos ao alto, 7,50 é um assalto!

ADRIANO DIAS E BRUNO DE LIMA -

Coordenação da CST

Em 12/04, o metrô Rio, com autorização do governo Cláudio Castro, aumentou o valor da passagem do metrô para R\$7,50. Um reajuste acima da inflação e que mais uma vez só prejudica o trabalhador. O aumento gerou grande indignação, pois, em média, esse aumento vai consumir por mês cerca de 20% do salário-mínimo. Um verdadeiro assalto.

A privatização aprofundou o problema

O metrô do Rio de Janeiro foi privatizado na década de 90. O processo de privatização piorou o serviço e ocasionou sucessivos reajustes na

tarifa. Por isso que hoje o metrô do Rio tem uma das passagens mais caras do Brasil.

O serviço prestado pelo metrô Rio ao longo dos anos só piora e o processo de privatização, além de atacar direitos dos trabalhadores, precarizou as estruturas nas estações, principalmente nas mais periféricas. Todo dia tem um problema nas linhas, os intervalos entre cada estação são longos e sempre com vagões superlotados.

Por um plano de luta

Em 11/04 houve manifestação contra o aumento da tarifa, uma iniciativa importante na qual nós, da CST, estivemos presentes. É preciso seguir nas ruas para derrotar esse ataque. Nesse

sentido, é fundamental que as centrais sindicais, como CUT e CTB, organizações estudantis, como UNE e UBES, parem de fazer corpo mole e convoquem uma plenária unificada para organizar e coordenar a construção da luta em unidade. Devemos unificar as categorias para barrar o aumento da tarifa e reestatizar todos os modais, como BRT, trem, metrô, barcas e ônibus, que estão na mão dos empresários e patrões. Defendemos a redução da tarifa e aplicação plena do passe livre para estudantes e desempregados. Um serviço público voltado para atender a população e não o lucro dos empresários.

(Leia o texto completo em www.cstuit.com)

Estudantes mobilizados pela greve unificada, combativa e pela base

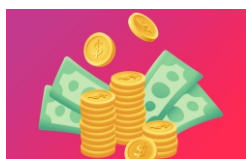
LAÍS SATHLER - Coordenação do Vamos à Luta

No dia 11/04, Lula anunciou cortes nas áreas sociais de 4 bilhões, em decorrência do Arcabouço Fiscal, sendo 353 milhões na educação e pesquisa. Esse corte é para garantir o pagamento da dívida pública, que leva anualmente cerca de 46% do nosso orçamento. Não podemos aceitar! No mesmo dia, estudantes da UFF aprovaram a deflagração da greve estudantil. No dia 15, foi dada a largada da greve docente, e no dia 17/04 foi realizada uma grande caravana dos 3 setores para Brasília. Em 18/04, os docentes da UFF votaram

iniciar a greve a partir de 29/04. A greve estudantil da UFF, em sua primeira semana, contou com um importante ato de rua no dia 17, para dialogar com a população de Niterói, e nós avaliamos que a greve estudantil ajudou a impulsionar a greve docente. Por isso, nós, da Juventude Revolucionária Vamos à Luta, em todas as federais em que estamos, apoiamos as greves em curso e batalhamos por unificar em greves estudantis pelas nossas pautas! Onde não há greve, nós lutamos para que isso ocorra, como em nossa batalha na UFU.

A UFF se tornou a primeira universidade com uma greve dos 3 setores, apontando o caminho: diante de novos cortes e de dureza do governo Lula/Alckmin, o caminho precisa ser fazer crescer a greve e a sua unificação. Seus métodos precisam estar a serviço disso: massificar cada vez mais a greve, com passagens em sala, realização de debates unitários, para que mais e mais estudantes sejam parte da greve! Até o fechamento desta edição, duas outras universidades (UFC e UFPR) já haviam votado greve estudantil!

REIVINDICAÇÕES NÃO FALTAM:



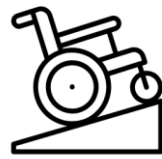
Queremos elevação das verbas de assistência estudantil;



O aumento do número de bolsas e auxílios e reajuste de seus valores;



luta pelo passe livre estudantil irrestrito;



infraestrutura, moradia, bandeirão e acessibilidade nos campi.



Queremos a reversão imediata dos cortes, recomposição orçamentária das universidades!



Exigimos creche nos campi.

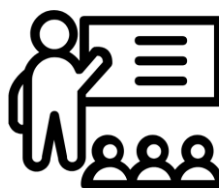


Queremos cotas trans no SISU



e também a revogação do Novo Ensino Médio!

Contratação de professores e técnicos, já!



Qual é a da UNE?

Há um silêncio da UNE a respeito da greve. Embora sua direção tenha participado, corretamente, da marcha para Brasília, não houve um esforço de mobilizar os estudantes das universidades para irem. Nós, da Juventude Vamos à Luta, acreditamos que essa posição da direção majoritária da UNE (UJS/PCdoB e JPT) se deve ao seu compromisso com o governo Lula: ao não ser independente, a UNE joga água na mobilização estudantil, para blindar o governo, seus ministros e assessores. Não se dizem contra a greve, mas não militam pela sua construção. Na prática, a boicotam, como vemos na direção do DCE da UFU e também nos CAs em que dirigem, como na Letras e no Direito da UFF de Niterói, em que fazem tudo para desmobilizar e jogar os estudantes contra a greve. Exigimos da UNE a criação de um comando Nacional de Mobilização e Greve Estudantil, e que construam já em assembleias de base uma greve nacional unificada em todas as federais. Chamamos você a vir dar essa batalha conosco, por uma UNE independente de governos e reitorias! E a luta que a direção da UNE não fizer, nós teremos de fazer pela base: os comandos de greve estudantil da UFF, UFC e UFPR podem convocar uma reunião nacional com representantes das bases para instalar um comando nacional de greve e mobilização (CNGM) juntamente com DCEs, Executivas e Federações de Curso que queiram lutar. Organize a sua indignação com o Vamos à Luta! A juventude do socialismo e da revolução!

Mobilizar a USP pelas pautas da greve e de hoje!

GUILHERME BUENO - Vamos à Luta USP

Já estamos na metade do primeiro semestre na USP e, até o momento, foram contratados apenas 8% da quantidade de professores prometidos na greve. Essa falta é responsável, por exemplo, pela diminuição de vagas para as habilitações de Francês e Alemão no curso de Letras.

Para além do calote na principal pauta da greve do ano passado, começamos o ano com problemas que não apresentam perspectiva de melhoras, como a mudança do horário de início das aulas no noturno, das 19:30 para às 19:00 (que corrobora para evasão dos estudantes trabalhadores), filas dos bandejões e, principalmente, superlotação dos circulares, que chegam cheios ao ponto de não conseguirmos pegar o primeiro ou segundo horário após o término da aula, e obrigam os estudantes do noturno a perderem parte do final da aula ou então gastar dinheiro com uber para não perder o horário de funcionamento do metrô ou ônibus para chegar em casa.

Isso é insustentável a longo prazo, por isso colocamos que existe um projeto de exclusão da classe trabalhadora das universidades, que se soma à dificuldade de entrada, aprofundada pelo NEM, para mandar os filhos da classe trabalhadora para postos precarizados de trabalho e aprofundar a exploração, com o uso, por exemplo, da reforma trabalhista e a reforma da previdência.

Não existe outra solução além da mobilização. Como vemos agora, as demandas conquistadas na greve não serão cumpridas sem luta. Devemos exigir da reitoria o cumprimento das pautas acordadas da greve, junto com o fim da mudança de horário do noturno e maior frota de circulares rodando, sobretudo no horário de saída do noturno.

Belém: greve enfrenta prefeitura do PSOL

JOÃO SANTIAGO - Coordenador Geral do Sintsep/PA
MARIZA SANTOS - Coordenação Nacional da CST

Depois de 16 dias de greve em Belém, com atos e acampamentos em frente ao gabinete do Prefeito Edmilson Rodrigues (PSOL) e com a ocupação da Secretaria de Administração por 3 dias, os servidores municipais decidiram encerrar a greve, em assembleia geral realizada no último dia 10/04 na sede do Sindtifes.

Como resultado da greve, trabalhadores e trabalhadoras do município de Belém conquistaram um reajuste de 3,71% no vencimento base, no vale-alimentação, passando dos atuais R\$ 370, para R\$ 400,00, o recebimento do vale-alimentação por três meses para os servidores que forem afastados do seu trabalho por motivo doença, além de não serem descontados os dias em que a categoria esteve de greve.

É preciso que se diga que os servidores enfrentaram a política antioperária da prefeitura

do PSOL e da Frente Ampla (PT, PCdoB, PV, REDE e PDT). Em 2023 foi “reajuste zero”. Com a ameaça de greve a prefeitura disse que iria dar a inflação do período, de 3,71%, o que daria um ínfimo reajuste de R\$ 37,00; com a entrada em greve e seu encerramento a prefeitura se comprometeu a estender o reajuste para o vale-alimentação.

É lamentável que uma prefeitura do PSOL, que se diz de esquerda, aplique a mesma política dos governos e partidos da burguesia, ao não garantir o realinhamento salarial para mais de 60% da categoria que ganham um piso de R\$ 1.007,00, bem abaixo do salário mínimo nacional. Essa política é a mesma que levou o PSOL nacional a apoiar a Frente Ampla de Lula, que neste momento enfrenta greves dos servidores federais da educação que repudiam a política de reajuste zero de Lula para 2024. Também é a mesma que levou à aliança com o

É lamentável que uma prefeitura do PSOL, que se diz de esquerda, aplique a mesma política dos governos e partidos da burguesia, ao não garantir o realinhamento salarial para mais de 60% da categoria que ganham um piso de R\$ 1.007,00, bem abaixo do salário mínimo nacional.

MDB e o governador Helder Barbalho e que deram à prefeitura do PSOL os piores índices de aprovação no país, segundo as pesquisas. É preciso valorizar o serviço público e garantir reajuste e plano de carreira dignos para os servidores de Belém e não governar com a política da burguesia e da frente ampla.

Apesar da greve encerrada, foi votado que se permaneça em estado de greve até que a prefeitura cumpra o acordado e faça o realinhamento do salário dos atuais R\$ 1.037,00 para R\$ 1.412,00. Os servidores seguirão atentos a qualquer assédio moral por parte da direção da prefeitura e seguirão a reivindicação de suas pautas na sua integralidade! Pelo piso dos professores, piso da enfermagem, etc. Parabéns aos servidores municipais pela coragem de ir à luta.

Educação em Combate realiza plenária em SP

DANILO BIANCHI E LORENA FERNANDES -
 Coordenação Estadual da CST

Os professores do Educação em Combate SP realizaram uma importante plenária no último dia 13. Na ocasião foram debatidas as principais pautas da categoria, que passa por constantes ataques do governo Tarcísio, que tenta avançar na privatização de gestões escolares e substituir professores pelo ChatGpt, para seguir transferindo dinheiro público para empresários e destruir as escolas públicas e a carreira docente. Também foi debatido como devemos lutar para derrotar os ataques da extrema direita, já que os planos de Tarcísio acontecem em parceria com o governo federal, por meio do BNDES.

Muitos dos professores manifestaram suas críticas a atual direção da Apeoesp, que por não possuir independência dos governos, vacila com a nossa luta, propondo calendários dispersos e não utilizando todo o seu peso estrutural para mobilizar e parar as escolas, por essa falta de independência essa direção, ligada ao PT e ao PSOL, abandonou a luta pela revogação do NEM, que é rejeitado pela ampla maioria de professores e estudantes, mas defendida pelo governo Lula. A plenária encaminhou vários pontos para fortalecer a mobilização da categoria rumo a Assembleia com paralisação de 26/04, momento em que a categoria pode demonstrar força para começar a barrar o amplo conjunto de ataques que vem sofrendo.

Essa foi definida a prioridade máxima do Educação em Combate e ao final os professores, que foram convidados a se somarem ao Educação em Combate, também manifestaram solidariedade a greve de trabalhadores da Educação Federal.



Reunião da educação em Combate SP

Privatização do metrô em BH

EDIVALDO DE PAULA E ANDRESSA ROCHA -
 Coordenação Estadual da CST

Em dezembro de 2022, o metrô de BH foi leiloado ao Consórcio Comporte por 25,7 milhões, valor equivalente a apenas um trem (18 milhões). Após a privatização, houve piora da qualidade do transporte, problemas no funcionamento dos trens, aumento do tempo das viagens, aumento do valor das passagens e demissão dos concursados. No início do mês de abril, a Metrô BH anunciou a demissão de 230 funcionários, alegando que já havia finalizado o prazo de estabilidade. No dia 10/04, o judiciário determinou a reintegração destes trabalhadores.

Lula foi responsável pela privatização do metrô, contrariando as reivindicações dos trabalhadores que fizeram greves e marchas a Brasília exigindo a não privatização. O governo acabou assinando o leilão e disponibilizando até 3,5 bi do BNDES para a empresa vencedora.

Zema também foi importante para a privatização do metrô. Ele prepara vários ataques aos trabalhadores. Sua prioridade é privatizar a CEMIG e a Copasa. Do ponto de vista da educação, o governador segue sem pagar o piso nacional.

Está sendo construída uma paralisação do funcionalismo estadual para o dia 08 de maio. Nós, da Combate, apontamos como correta essa iniciativa. No entanto, acreditamos ser fundamental exigir das centrais (CUT/CTB) e sindicatos, que em sua ampla maioria são dirigidos por PT e PCdoB, que nesse dia haja assembleias e um grande ato. Para que isso aconteça, é necessário construir a mobilização em cada local de trabalho.

A greve da educação federal continua!

Derrotar o reajuste zero e conquistar reestruturação de carreira

Comissão Nacional de SPFs da CST

Enquanto fechamos esta edição, ocorreu a reunião do governo Lula com os setores em greve. Para os técnico-administrativos, que completaram mais de um mês de greve no último dia 11/4, o governo apresentou uma nova proposta de 9% para janeiro de 2025 e 3,5% para maio de 2026. A proposta é maior que a anterior, mas ainda insuficiente.

Outras categorias, como ANDES e SINASEFE, também enfrentam o mesmo problema: a ausência completa de reajuste salarial para este ano e falta de recomposição do orçamento das instituições, que diminuíram 52% entre 2015 e 2022.

A marcha nacional realizada em Brasília no dia 17 de abril e os calendários de mobilização durante essa semana sacudiram o Planalto, colocaram a greve em toda a imprensa nacional e obrigaram o governo a ter que dar uma resposta.

Zero em 2024 é culpa do Arcabouço Fiscal

O Arcabouço Fiscal impõe um teto de gastos em áreas sociais, assim como foi o terrível teto de gastos públicos imposto pelo governo Temer. Essa política econômica do Governo Lula/Alckmin é a grande responsável pela dificuldade de se arrancar o reajuste ainda em 2024, mas é possível derrotar esse privilégio aos bancos e grandes credores do sistema da dívida pública.

O Arcabouço Fiscal nada mais é que uma garantia para que haja a meta de superávit primário, ou seja, que proíba aumento de gastos com educação, saúde, saneamento básico, etc. Ao lado disso, se facilita as terceirizações e privatizações de áreas sociais.

A greve na educação federal é ainda mais importante, porque ela pode dar um exemplo que pode derrotar a política econômica do governo e arrancar as reivindicações. Uma vitória nessa greve serve para toda a classe trabalhadora brasileira.

Há dinheiro para atender os grevistas e investir em educação!

Durante as mesas de negociação, enquanto os servidores em greve relatam perdas salariais entre 22,71% e 53%, a depender da categoria, o governo afirma que não é possível uma política salarial para recompor as perdas, por não caber no orçamento deste mandato.

A afirmação do governo é mentirosa! Em dezembro de 2023 o governo registrou mais de R\$ 4 trilhões de reais em caixa. Esse dinheiro serve para remunerar os bancos e facilitar as operações do sistema da dívida pública. Ou seja, as reservas e riquezas do país ficam destinadas aos bilionários do Brasil e do exterior. Apenas um dia de não pagamento do sistema da dívida pública (R\$ 5,2 bilhões por dia) é possível atender as principais reivindicações das categorias.



Grevistas marchando em Brasília

Lei Orçamentária de 2024 destina R\$ 2,5 trilhão para a dívida pública

Para isso, precisam impedir reajuste salarial, investimento em educação e demais áreas sociais. O problema, portanto, não é a falta de dinheiro, mas quem se privilegia da política econômica do governo Lula/Alckmin.

A conciliação de classes explica a política econômica de Lula

Muitos companheiros e companheiras que estão em greve se perguntam por qual motivo o governo Lula não atende a reivindicação dos servidores. É uma pergunta sincera, uma vez que a valorização da educação faz parte do discurso do governo e, além disso, técnico-administrativos, docentes e estudantes foram setores sociais muito combativos contra a extrema direita. Mas, ao contrário disso, Lula tem favorecido setores ligados ao golpismo e à direita tradicional, e isso tem uma explicação.

Ao montar seu governo dizendo conciliar interesses da burguesia com reivindicações da classe trabalhadora, Lula faz um duplo discurso. Não é possível governar para todos, pois quem governa o faz contrariando interesses de setores sociais em conflito. A política econômica do governo, seja no Arcabouço Fiscal, nos incentivos milionários ao agronegócio ou na ausência de tributação das grandes fortunas, mostra que a coluna vertebral desse governo está montada a favorecer os negócios da burguesia.

Por isso, Lula inclui até setores ligados a Bolsonaro em seu ministério. Sobe no palanque com os reacionários governadores de SP, do RJ e de MG, como se todos tivéssemos um projeto comum. Superar esse governo e derrotar sua política econômica com greves e mobilizações é o único caminho para não fortalecer uma oposição de direita pró-bolsonarista.

Comando nacional unificado entre FASUBRA, SINASEFE e ANDES

A greve na educação federal se fortalece enfrentando o enorme boicote dos setores sindicais ligados ao governo, como CUT e CTB. Há um sentimento real de unidade e uma situação salarial de enormes perdas para o conjunto dos servidores públicos. Havia espaço para uma greve unificada com diversos órgãos. Infelizmente a política da CUT foi impor um isolamento à greve. Na confederação nacional dos servidores públicos federais, a CUT impediu até nota de apoio à greve da FASUBRA e fez de tudo para evitar uma unificação. Até mesmo na FASUBRA, a coordenadora geral da entidade, Cristina Del Papa, ligada à CUT, boicota todos os atos de rua e manifestações unitárias, por isso no sindicato da UFMG não levou ônibus para a marcha conjunta no dia 17 de abril.

Portanto, o grande desafio é unificar os setores que conseguiram furar esse bloqueio e entraram em greve. FASUBRA, SINASEFE e ANDES reúnem cerca de 250 mil servidores. É um batalhão nacional em greve.

Por isso, é fundamental construir uma grande greve unificada da educação federal. A começar por um comando nacional unificado que se replique nos estados e atividades de rua comuns e iniciativas por cada cidade e estado.

Atos de rua, aulões públicos sobre a realidade da educação federal e os motivos das nossas reivindicações, audiências públicas com a presença de todos os setores que apoiam a greve.

Há grande chance de transformar a greve em centro de atenção por todo o país, fortalecer a unidade dos grevistas e buscar apoio popular. Essa é a linha que defenderemos em todas as assembleias.

COMBATE REÚNE MAIS DE 13 UNIVERSIDADES EM GREVE!

A plenária nacional da corrente sindical Combate reuniu dezenas de grevistas das universidades do Norte ao Sul do país. Ao todo, mais de 13 universidades ajudaram a dar uma compreensão nacional da greve e dos desafios pela frente. Colocamos em pauta como ter uma política comum para disputar os rumos do movimento em cada assembleia. Chamou a atenção novos e antigos ativistas que se aproximam do Combate, a partir de nossas posições nessa greve. Além disso, a plenária serviu para armar toda nossa militância para a marcha a Brasília, na semana de 16 a 19 de abril, e fez uma análise do Grupo de Trabalho sobre a carreira, cuja análise mais completa está no site da CST.

Entre os encaminhamentos da plenária reafirmamos a necessidade de levar a greve para além da categoria. Iniciativas como essa foram feitas com militantes da Combate, fazendo reuniões na porta das gerências onde trabalham os Garis do Rio de Janeiro, ou camaradas da UFMG que passaram em sala junto com a juventude Vamos à Luta, pedindo apoio e solidariedade para a greve. Em Niterói, uma plenária local da Combate na Universidade Federal Fluminense reuniu mais de 20 grevistas e tirou encaminhamentos que ajudaram a armar a disputa na assembleia que rejeitou a proposta rebaixada do governo.

Inicia a greve nacional docente

MARCO ANTONIO PERRUSO -
Professor da UFRRJ

Em 15/04/2024 começou a greve nacional dos docentes das universidades federais – ela já começou grande, contando com UFRGS, UFPR, UFMG, UNB, UFC, UFMA, UFPA, entre outras (UFViçosa já até suspendeu o calendário letivo). Toda greve é um momento fundamental no aprofundamento da consciência de classe dos trabalhadores. Ela muda a vida de cada lutador, de cada militante. Eu mesmo, que já tinha experiência em movimento estudantil e em partidos políticos, passei a ser outro professor universitário – e outro intelectual – a partir da greve do ANDES-SN em 2012. Nossa pauta atual se concentra na recomposição salarial e orçamentária nas universidades federais, negadas em nome do arcabouço fiscal neoliberal de Lula-Haddad.

As condições de trabalho nas universidades públicas continuam ruins, pois os governos do PT expandiram de modo precarizante o sistema universitário nacional, por meio do REUNI. Tais condições se agravam com a terceirização, a insuficiência da assistência estudantil, o produtivismo academicista, o adoecimento profissional, a violência urbana e a crise climática. Daí a greve estar tendo amplo apoio em muitas universidades federais, mesmo nossa categoria profissional tendo votado em peso em Lula contra Bolsonaro.

Fica nítido para todos que o governo Lula 3 atende primeiro a banqueiros, empresários e latifundiários, tendo chegado inclusive a ameaçar nossos direitos sindicais na mesa de negociações. A greve já no seu momento inicial está sendo combatida por bolsonaristas e lulistas, por diferentes motivos. Os primeiros são contra greves por princípio, os segundos entendem que greves contra seus governos não valem.

Aqui no Rio de Janeiro, UFRJ, UFRRJ e UNIRIO ainda não entraram em greve, seja pelo temor paralisante ao bolsonarismo, seja pela adesão ao discurso lulista mais atrasado: mentem afirmando que o ANDES-SN não fez greves contra Temer (fizemos em 2015) e Bolsonaro (só impedida pela pandemia) e ao proclamarem que greves não obtêm conquistas (a de 2012 conquistou recomposição salarial quatro vezes maior do que a ofertada pelo governo Dilma e trouxe o cargo de professor titular de volta para nossa carreira, por exemplo).

Pior, as Seções Sindicais da UFRJ e da UFRRJ, dirigidas pelo PT, se colocam a favor dos interesses de seu governo de conciliação de classes em detrimento dos próprios direitos da categoria profissional de que fazem parte. É o velho peleguismo sindical, de longa história no movimento operário brasileiro. Mas em muitas universidades o sindicalismo governista está sendo atropelado pelas bases e pelas oposições sindicais.

Estamos trabalhando para mudar este quadro em nossas universidades federais aqui no Rio (na UNIRIO a votação foi apertadíssima), pois nossa greve nacional promete: será forte e capaz de ajudar a rearticular a classe trabalhadora brasileira.



Nacionalmente a linha da Combate é:



Todo apoio à greve na educação federal – cercar de solidariedade e apoio militante nas atividades da greve de militantes de outras categorias;



Unificar num comando nacional e local as greves da FASUBRA, SINASEFE e ANDES e tirar calendários, assembleias e atividades em comum, para fazer uma verdadeira greve unificada;



Pela derrubada do Arcabouço Fiscal e da política de austeridade que limita os gastos e investimentos públicos;

Chega de privilégios aos ricos! Taxação das grandes fortunas e heranças milionárias.



Pelo não pagamento da dívida pública e destinar todo o orçamento para as áreas sociais.

Congresso discute os rumos da luta contra a privatização

DIEGO VITELLO - Diretor do Sindicato dos Metroviários e Metroviárias de SP

Entre os dias 11 e 14 de abril ocorreu o 14º Congresso dos Metroviários e Metroviárias de São Paulo, categoria de forte peso na cidade e que protagonizou em 2023 duas fortíssimas greves contra o projeto de privatização do governador Tarcísio. Foram dias de muito trabalho, em que a CST e a Combate Sindical estiveram presentes, apresentando suas posições para os delegados e demais organizações políticas e sindicais.

O debate nacional e a luta contra as privatizações

Estivemos representados na mesa pelo companheiro Michel Tunes, da direção nacional da CST. Apresentamos a necessidade de combater a extrema direita e seu projeto privatista desde uma posição independente do governo Lula. Sem subestimar o perigo real da extrema direita, devemos combater a política de Lula de pactos com o governador de SP. Além disso, colocamos que é completamente errada a política do presidente para os militares. Ao invés de acabar com o GSI e a ABIN, o governo manteve todos os privilégios da alta cúpula militar. Mostramos com dados o apoio de Lula a Tarcísio no seu projeto de privatização. A partir do BNDES, o governo federal financiou a privatização da Linha 7 – Rubi da CPTM. A tentativa de Lula de incorporar Tarcísio na frente ampla foi nefasta para a luta contra a privatização que temos travado nos últimos meses. Além disso, denunciemos a política de ajuste fiscal do governo, colocando como tarefa fundamental do momento o apoio à greve das universidades, que enfrenta a política do governo do PT para a educação. Portanto, precisamos ter independência do governo Lula, além de exigir que o governo federal pare imediatamente de financiar as privatizações no Estado de SP.



Balanco e perspectiva da luta contra a privatização

Nessa mesa estivemos com o companheiro Diego Vitello, da direção do Sindicato dos Metroviários e da coordenação nacional da CST. Apresentamos nossa visão sobre a luta feita ano passado contra as privatizações e também como vemos os próximos passos do enfrentamento contra o governo da extrema direita em SP.

Valorizamos muito a luta unitária do ano passado, que contou com duas greves unificadas entre metroviários, ferroviários e sabespianos. Reconhecemos o papel cumprido pelo nosso sindicato nessa articulação. Acreditamos que o diálogo com a população, expresso em mais de 900 mil votos no Plebiscito Popular Contra as Privatizações, foi muito importante. Porém, há duas visões das quais discordamos no balanço da luta do ano passado. A primeira é a de que “todos fizeram tudo que foi possível pela luta unitária”, que é compartilhada pela corrente Resistência e também pela oposição da CTB/CUT. Infelizmente, não foi assim. Para exemplificar, a APEOESP, maior sindicato do estado, dirigido pela CUT, não fez nenhuma assembleia antes das greves do ano passado. Se negou a unificar a luta contra Tarcísio. Desde a mesa colocamos que isso é uma consequência do atrelamento de seus dirigentes ao governo federal, que infelizmente tem ajudado Tarcísio e seu projeto de privatizações. Então, temos que colocar que as direções das principais centrais sindicais fizeram muito menos do que

poderiam na luta contra as privatizações.

Do outro lado, está uma visão corporativa, que não valoriza o diálogo com a população e coloca que a partir de uma greve por tempo indeterminado dos metroviários já poderíamos ter derrotado o processo de privatização. Essa visão desconsidera a correlação de forças entre as classes e, obviamente, faz um balanço de que a atual diretoria do sindicato é corresponsável por ainda não termos derrotado a privatização. Em maior ou menor medida, essa ideia equivocada é compartilhada pelo MRT e por alguns companheiros independentes da agrupação Sindicato nos Trilhos.

Também discutimos os próximos passos do enfrentamento ao governo Tarcísio. Nos posicionamos, contra todas as outras correntes que compunham a mesa (Resistência, PSTU e PCdoB), pela volta das assembleias 100% presenciais como forma de mobilização da categoria e ampliação da democracia operária. Como Combate Sindical, propusemos um ato de rua contra as privatizações e a retomada do calendário de greves unificadas. Sabemos que o governo quer leiloar as linhas 10, 11, 12 e 13 da CPTM no segundo semestre e que somente uma forte greve pode colocar a possibilidade de derrotar esse processo. Colocamos também a necessidade de exigir também que as centrais sindicais cumpram o papel de unificar essa luta inclusive com outras categorias.

Conclusão e próximos passos

Fizemos um Congresso positivo, no marco de duros ataques à categoria metroviária. Na plenária final, os pouco mais de 100 delegados presentes discutiram questões fundamentais da luta da categoria e da política.

Algumas resoluções votadas pela maioria dos delegados, por margem apertada, nós não temos acordo. A necessidade de exigir das centrais sindicais e também criticar a atuação do governo Lula não esteve presente na resolução de conjuntura que ganhou, apresentada pela Resistência/PSOL, UP, PCdoB e PT. Coerente com essa visão, votaram também o apoio a Boulos e à Frente Ampla nas eleições

municipais. Foi positivo que o Congresso votou por unanimidade o formato de Conselho Deliberativo, fortalecendo a democracia pela base, onde diretores do sindicato, cipistas e delegados sindicais poderão tomar decisões sobre a luta da categoria. Nós, da Combate, também batalhamos pela volta das assembleias presenciais, proposta que contou com o voto de cerca de 30% dos delegados, mostrando o fortalecimento dessa proposta na categoria.

Nossas tarefas na próxima semana estarão em torno da campanha salarial. A mobilização já começou com a retirada de uniforme na operação no dia 16/04. Estamos participando das

setoriais na manutenção, que têm demonstrado disposição da categoria para brigar por direitos. Construir uma forte campanha neste momento é parte fundamental do nosso enfrentamento à privatização. Durante a campanha, além da mobilização interna da própria categoria, que pode culminar em uma nova greve, é tarefa fundamental do sindicato manter o diálogo com a população, através das cartas abertas nas estações e outras iniciativas.

Extrema direita quer destruir o Sindicato

Para facilitar o processo de privatização, o governador Tarcísio entrou na Justiça comum com duas ações contra o Sindicato. O governo exige que o Sindicato pague por supostos prejuízos causados pelas greves de outubro e novembro de 2023. Somadas, as ações buscam cobrar R\$14 milhões do Sindicato. Trata-se de um verdadeiro atentado contra o direito de greve! Uma tentativa de intimidação ao conjunto do movimento

sindical! Completando o cenário de ataques, o governo ainda fez a Polícia Federal abrir um inquérito contra a presidenta do Sindicato, Camila Lisboa. Nas próximas semanas, ela terá que “prestar esclarecimento” sobre as greves. Uma absurda tentativa de intimidação política. Esse processo está diretamente vinculado à visão política da extrema direita, defensora da ditadura militar, de que os sindicatos não podem

ter nenhuma liberdade, as greves devem ser proibidas e os sindicalistas devem estar presos. Frente a esses absurdos, na sexta, dia 12/04, o Congresso da categoria organizou um importante ato político em defesa do direito de greve, que contou com diversas organizações políticas, assim como personalidades e sindicalistas.

Reintegração imediata de todos os demitidos políticos

Para intimidar a categoria metroviária e abrir mais facilmente o caminho da destruição da empresa pública, o governador Tarcísio e a direção do Metrô demitiram, em outubro passado, oito metroviários, em sua maioria diretores do sindicato e cipistas. Uma evidente perseguição política. Dos demitidos, através de nossa luta, já conseguimos a reintegração do companheiro Altino, que atualmente é diretor do sindicato. Nós, da CST e da Combate, estamos juntos nessa luta pela reintegração. Confira abaixo as declarações de alguns dos demitidos políticos do governo Tarcísio:



“Estamos em uma guerra contra as privatizações de Tarcísio, que têm apoio do governo Lula através do financiamento do BNDES e da Lei das PPPs. Também têm apoio do prefeito Ricardo Nunes, que também apoia a privatização da SABESP que ocorre neste momento na Câmara de Vereadores. Nessa luta fizemos duas batalhas muito grandes, que foram as greves unificadas que pararam a cidade, e também um plebiscito com 900 mil votantes. Por termos feito essa luta, o governo perseguiu a categoria, com advertências, punições e demissões. Eu sou um dos demitidos e a gente segue na luta pela reintegração, mas sobretudo contra as privatizações.”

Narciso Soares, vice-presidente do Sindicato e Operador de Trem da Linha Verde.

”

“

“As demissões políticas são parte dos ataques do governo de extrema direita de Tarcísio e do Metrô-SP para passar o seu plano privatista. Punem os trabalhadores, atacam o sindicato e nosso direito de greve para nos calar porque nossas greves demonstraram a disposição de luta categoria. A luta pela nossa reintegração é parte da batalha contra as privatizações. As Centrais Sindicais se subordinam à conciliação de classes do governo Lula-Alckmin, que fortalece a extrema direita. É urgente que elas saiam da paralisia e organizem a luta para derrotar Tarcísio e seu plano!”

Priscila Guedes, Cipista e Operadora de Trem da Linha Verde.



“Na luta contra as privatizações em São Paulo, Tarcísio de Freitas, governador bolsonarista, ataca a categoria metroviária por fazer parte de um Sindicato que representa o obstáculo ao projeto privatista no estado. Para isso, assedia, pune e demite metroviárias e metroviários. E nessa luta contra a privatização é fundamental uma campanha pela reintegração de todas e todos que sofreram perseguição para fortalecer a unidade em defesa dos serviços públicos e garantia de empregos.”

Alex Fernandes, Agente de Estação e Diretor do Sindicato

”

A CST/UIT-QI segue o legado de Nahuel Moreno

CLÁUDIA GONZALEZ E MARIZA SANTOS -
Coordenação da CST



Celebramos o centenário de Nahuel Moreno saudando seu legado, uma trajetória de vida marcada pelo empenho na construção de partidos revolucionários e da Quarta Internacional.

Continuador dos ensinamentos de Leon Trotsky, o legado de Moreno se apresenta com profunda atualidade. Dentre todo seu legado teórico, político e militante, destacamos dois aspectos fundamentais: sua obsessão em construir partidos revolucionários na classe operária e seu internacionalismo.

Dessa forma, desde muito jovem se empenhou nessas tarefas. Em 1944 fundou com um grupo de jovens o Grupo Operário Marxista (GOM), que em 1945 interviu com força na greve do frigorífico Anglo Ciabasa, na localidade de Avellaneda, em Buenos Aires, ganhando o respeito dos grevistas. Essa intervenção permitiu a estes jovens se instalar em Villa Pobladora e editar o primeiro jornal, Frente Proletário, e começar a se inserir em vários sindicatos da região. Essa experiência trouxe a conclusão da importância da construção de partidos no seio da classe operária e suas lutas. Esses primeiros passos foram as bases para décadas de lutas e batalhas em diferentes países contra as patronais, os governos burgueses e os imperialismos.

Em 1948, Moreno participou do segundo congresso da Quarta Internacional em Paris, onde polemizou com o trotskismo europeu para que as

seções da internacional se inserissem e ligassem com a classe operária e suas lutas. Essa participação também lhe permitiu adotar uma perspectiva internacional, para analisar os fenômenos da luta de classes a partir de um panorama mundial, reforçando a importância da construção da internacional, que empreenderia até as últimas horas de sua vida.

Incansável lutador e militante contra a conciliação de classes, foi um enérgico polemizador com os setores e organizações que capitularam às direções frentepopulistas, stalinistas, burocráticas e pequeno-burguesas.

Nos espelhamos nesses exemplos para formar novos quadros que se inspirem na abnegação e paixão de Moreno por inserir-se na classe trabalhadora e construir, com orgulho, fortes partidos sob os ensinamentos do trotskismo. Nos inspiramos na paixão de Moreno por intervir nas lutas da classe para que triunfem, batalhando firmemente contra as direções traidoras.

A CST e suas organizações antecessoras no Brasil, como a Convergência Socialista, são fruto do internacionalismo de Moreno. Atualmente, a CST é seção da Unidade Internacional de Trabalhadoras e Trabalhadores - Quarta Internacional (UIT-QI). Em tempos de profunda crise do capitalismo e de fortes lutas a nível mundial, surgem no Brasil as primeiras greves questionando o governo de conciliação de classes de Lula-Alckmin. As direções da classe

trabalhadora, atreladas a esse governo, estão dando as costas às suas lutas. A CST segue o legado de Moreno, lutando junto à classe, apostando no surgimento de novos dirigentes que avancem de forma unitária na defesa dos direitos dos trabalhadores, de um governo da classe trabalhadora e das tarefas revolucionárias, no caminho da construção de uma direção revolucionária e socialista em cada país e no mundo.



NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

Israel e EUA usam o Irã para encobrir o genocídio em Gaza

15/04/2024. De repente, os meios de comunicação e as redes sociais geridas ou influenciadas por governos pró-Israel e pró-sionismo deixaram de falar sobre Gaza para se concentrarem no ataque do Irã. Desde sábado, 13 de abril, tem havido um debate sobre se haverá ou não uma guerra Israel-Irã e todo tipo de hipóteses. Mas houve um silêncio sobre o genocídio provocado pelos bombardeios e pela fome que Israel e o seu regime de apartheid estão provocando.

Era isto que Israel queria quando, em primeiro de abril, bombardeou de surpresa o consulado iraniano em Damasco, capital da Síria, matando oito pessoas, incluindo altos comandantes militares iranianos. Naquela época, poderia ser difícil entender o objetivo do ataque. Mas agora está claro. O pano de fundo foi a situação em Gaza. Foi uma provocação de Benjamin Netanyahu e do seu governo de extrema-direita para provocar uma reação quase inevitável do Irã, com o objetivo de desviar a atenção do massacre em Gaza e fazer com que os seus aliados imperialistas lhe dessem mais uma vez o seu apoio incondicional. Queriam parar as crescentes críticas e exigências de Biden e dos líderes do imperialismo europeu por um cessar-fogo.

Leia a matéria completa no site pelo QR-Code.



Repudiamos o assassinato dos filhos e netos do líder do Hamas!

O exército israelense matou três filhos e quatro netos do líder do Hamas, Ismail Haniyeh, na Faixa de Gaza.

Segundo a rede Al Jazeera, um drone atingiu o veículo da família Haniyeh no campo de refugiados de Al-Shati, no norte do estreito e devastado território palestino.

Segundo testemunhas oculares, os filhos e netos de Haniyeh atravessavam de carro o campo de refugiados de Al-Shati, alguns quilômetros a oeste da Cidade de Gaza, quando foram atingidos pelas bombas.

Os Haniyeh estavam indo visitar um parente para celebrar o feriado Eid al-Fitr, no qual os muçulmanos se reúnem e comem para celebrar o fim do jejum do Ramadã.

Haniyeh recebeu a notícia em Doha, onde mora, enquanto visitava palestinos feridos, que estão recebendo cuidados médicos na capital do Catar. O ataque ocorreu quando o Hamas estuda a última proposta de trégua, resultante das negociações no Cairo.

Ismail Haniyeh, principal líder do Hamas – que governa Gaza desde 2007-, advertiu que “esse derramamento de sangue nos tornará ainda mais firmes nos nossos princípios”. “Se o inimigo acredita que atacar os meus filhos, no auge das negociações e antes do Hamas dar a sua resposta, fará com que o movimento mude de posição, eles estão errados. As posições não mudarão”, acrescentou Haniyeh.

Leia a matéria completa no site pelo QR-Code.



Basta de genocídio sionista em Gaza! *Viva a resistência palestina!*



Seis meses após o início da agressão contra o povo palestino em Gaza e na Cisjordânia ocupada, os objetivos da operação sionista não foram alcançados. Eles não conseguiram a rendição do Hamas, que continua a governar Gaza, nem a submissão do povo palestino. Também não conseguiram controlar a região. Apesar da situação difícil e da disparidade militar, os combates continuam até mesmo no norte de Gaza, em que Israel disse ter destruído o Hamas – porém, sabe-se que soldados sionistas continuam a morrer lá por conta da resistência palestina. Não conseguiram capturar ou matar os líderes da resistência que permanecem em Gaza ou aqueles que estão no estrangeiro. Nem recuperar nenhum refém detido pela resistência. A libertação de parte dos reféns só foi possível através de negociações. No entanto, Israel está avançando na limpeza étnica contra o povo palestino, bombardeando e matando de fome a população. Prova disso foi o recente ataque com mísseis a um comboio que transportava alimentos para o norte de Gaza, enquanto continuam a impedir a chegada de ajuda humanitária, inclusive através de colonos, apoiados pelo exército, que bloqueiam a entrada dos mantimentos através da passagem da fronteira de Rafah. Está em curso um verdadeiro genocídio, que se reflete diariamente nas imagens cruéis e comoventes que chegam através das redes sociais e dos meios de comunicação social. O saldo é de 33.360 assassinados em Gaza, 70% mulheres e crianças, e 75.993 feridos. Enquanto isso, na Cisjordânia cerca de 457 palestinos foram assassinados por colonos e pelo exército sionista. Além de não ter alcançado os objetivos que estabeleceu no início da agressão

há seis meses, Israel está hoje mais isolado internacionalmente do que em qualquer outro momento desde 1948, quando o imperialismo proporcionou o estabelecimento do enclave reacionário nas terras palestinas.

A mobilização dos povos do mundo continua

O genocídio perpetrado por Israel contra o povo palestino, com o apoio financeiro e militar do imperialismo norte-americano e europeu, despertou uma mobilização massiva dos povos do mundo em apoio à Palestina e em repúdio à agressão sionista. Os protestos espalharam-se por todos os continentes, com especial força na Europa, nos Estados Unidos, no Canadá, no Norte de África e nos países árabes do Oriente Médio, bem como na Ásia e na América Latina. No Iêmen, milhões de pessoas saem às ruas quase que semanalmente; Na Itália, a cidade turística de Pisa foi palco de grandes protestos estudantis, violentamente reprimidos pela polícia. Na Espanha, cidades como Madrid e Barcelona são o epicentro de grandes protestos. Nessa última cidade, foi recentemente realizado um encontro para unificar a solidariedade com a Palestina na Europa. Na Jordânia, vigílias massivas ocorreram durante vários dias em frente à embaixada israelense. Em Londres e Nova York, pessoas saem às ruas apesar do frio e da chuva. Na Alemanha e na França, elas desafiam as restrições impostas pelos governos aos protestos em apoio à Palestina. Em Berlim, Paris e outras cidades desses países, milhares de pessoas saem às ruas, inclusive enfrentando a repressão.

Para ler a matéria completa, aponte a câmera do seu celular para o QR-Code ao lado:





ARGENTINA: CONTRA AS DEMISSÕES E O PLANO MOTOSSERRA DE MILEI-FMI / GREVE E PLANO DE LUTA DA CGT-CTA

Escreve **ADOLFO SANTOS**

O governo não reduz o ritmo e continua a aplicar o seu plano motosserra a serviço do FMI. Liquida salários e pensões, produz demissões em massa e corta verbas para a educação, a saúde, a cultura ou aquelas destinadas aos setores sociais mais necessitados. Isso explica porque é que em poucos meses o novo governo de extrema-direita foi confrontado por greves, protestos e mobilizações de rua. Setores da saúde, da educação, das estatais, dos aeroviários, dos rodoviários e do movimento operário industrial, como os metalúrgicos, têm realizado greves contra as políticas governamentais. Protestos que se espalharam por assembleias setoriais, como as da cultura, ou as organizadas pelas comunidades nos bairros, tentando impedir o avanço do plano motosserra. Nesse sentido, a greve nacional de 24 de janeiro revelou-se uma importante ferramenta unificadora, contribuindo para a queda da Lei “ônibus”. Uma nova greve geral. Ao longo desse tempo, a classe trabalhadora e os setores populares têm demonstrado

que não estão dispostos a aceitar o brutal ajuste do governo e do FMI e que querem lutar. A greve nacional convocada pela Ctera no dia 4 de abril, a greve com mobilização dos trabalhadores estatais no dia 5, a marcha dos metalúrgicos da Ternium (fábrica do grupo Techint/Rocca, localizada em Ramallo) até a Plaza Mitre de San Nicolás, a massiva assembleia dos ferroviários de Sarmiento contra a privatização dos trens e as demissões, entre outras manifestações, colocaram na ordem do dia a convocação imediata de uma nova greve geral e de um plano nacional de luta. Os sindicatos de docentes e de funcionários das universidades nacionais, ATE Conicet e FUA, convocaram uma grande marcha para o dia 23 de abril em defesa das universidades estatais, públicas, laicas e gratuitas e de verbas para salários e bolsas estudantis, contra a motosserra de Milei. Diante de um governo que continua com seu ajuste brutal, a CGT acaba de anunciar uma nova greve geral para o dia 9 de maio. Foi anunciada uma grande Marcha da


Educação Federal para o dia 23 de abril, com estudantes, professores e funcionários. E está chegando o 1º de maio. Vamos, todas e todos nós, marchar no dia 1º de maio e cruzar os braços em massa no dia 9 de maio. A greve tem que fazer parte de um plano nacional de luta. A CGT e a CTA devem convocar imediatamente assembleias nos locais de trabalho e plenárias de delegados para construir a luta, preparando o conjunto do movimento operário para derrotar o ajuste e o protocolo repressivo de Milei e do FMI.

Leia a matéria completa, apontando a câmera do seu celular para o QR-Code abaixo:



VEM PRA CST: ORGANIZAÇÃO SOCIALISTA REVOLUCIONÁRIA INDEPENDENTE!

 **CSTUIT.COM**
   **@CST_UIT**

 **@JUVENTUDEVAMOSALUTA**
 **@JUVAMOSALUTA**

AJUDE A FINANCIAR UM JORNAL OPERÁRIO E INTERNACIONALISTA!

CHAVE: ESTERCLEANE@YAYHOO.COM.BR

